

Fronteiras Americanas na Primeira Metade do Século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América¹

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli²

América colonial, fronteiras e ambigüidades

A palavra fronteira, no seu sentido mais amplo, refere-se, mais que a um limite, a uma zona de passagem, de mudança, por si só carregada de ambigüidades. Portanto, quando nos referimos às fronteiras americanas no século XIX, não podemos pensá-las apenas como espaços divisórios entre países ou regiões dados *a priori*, sob o risco de “naturalização” ou “entificação” destes espaços.³ Aqui torna-se mister o entendimento deles enquanto construções históricas, resultando as fronteiras de complexos processos de ocupação e transformação da natureza, carregados, portanto, de determinações econômicas, sociais, políticas e culturais muito variadas. As zonas fronteiriças assim pensadas assumem características ímpares, revelando miscigenações culturais próprias, bem como práticas econômico-sociais e políticas originais.

Mais que isso, os comportamentos dos “homens das fronteiras” são também “fronteiriços” em todos os sentidos. A autonomia política em relação aos respectivos centros de decisão - sejam impérios coloniais ou Estados nacionais em organização -, a pouca adesão a normas ou diplomas legais, as formas pouco convencionais no tratamento do “outro” - o fronteiriço que lhe faz frente - e as relações econômicas estabelecidas nestes espaços, fazem recair sobre estes homens um elevado grau de dúvida quanto às suas lealdades e intenções; os fronteiriços são aqueles que ocupam, e portanto guardam suas fronteiras, mas não há confiança em relação aos seus eventuais desmandos por parte dos respectivos governos. Passa-se quase sempre uma impressão de que as fronteiras estão distantes, provavelmente mal cuidadas, mas quase sempre inexistem possibilidades de um controle mais efetivo.

Essas considerações, decerto, não valem apenas para o tema focalizado: as fronteiras norte-americanas da primeira metade do século XIX. As primeiras fronteiras foram, *latu sensu*, aquelas praias onde chegaram os primeiros conquistadores, e configuraram os primeiros contatos com os “outros”, os

¹ O texto é resultado do projeto de pesquisa *Fronteiras e fronteiriços: o norte do México e o Rio da Prata na primeira metade do século XIX (1811-1851)*.

² Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da. Região e História: Questão de Método. In: SILVA, Marcos A. (coord.). *República em Migalhas. História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.19-20.

ameríndios destas plagas. A par das tarefas da conquista e da catequese, em meio a trocas de penas por contas de vidro, iniciou-se um processo de mútuas - em que pese, muitas vezes desiguais - influências culturais, podendo-se afirmar que a conquista do continente jamais seria encetada sem uma primeira geração de mestiços, no mais das vezes atuando sem maiores vínculos com as autoridades metropolitanas da Europa. São exemplares os casos de Diogo Álvares, o *Caramuru*, e de João Ramalho: o primeiro, sobrevivente de um naufrágio em 1509, casou-se com a índia Paraguaçu e vivia entre os Tupinambás na costa do atual estado da Bahia; o segundo, também naufragado em 1510, vivia entre os Guaianás, entre os quais tinha várias esposas e filhos. Os dois portugueses só foram encontrados pela expedição de reconhecimento de Martim Afonso de Souza (1530-1532), e foram fundamentais para o domínio do território e de seus habitantes originais, bem como para a rápida adoção de técnicas, também elas mestiças, de uso da terra e de seus frutos. Outro exemplo impressionante é o do português Aleixo Garcia, mais um naufragado e que, partindo da atual ilha de Santa Catarina, aventurou-se pelos sertões até atingir Potosi em 1521, doze anos antes da chegada de Pizarro a Cuzco; aqui também a mestiçagem foi fundamental, pois, apenas com poucos companheiros europeus, o explorador contava com o auxílio de uns dois mil índios, resultado de uma série de uniões matrimoniais com filhas de chefes tribais.

A conquista do poderoso Império *Azteca* pelos comandados de Cortéz só foi possível pelas alianças estabelecidas com os *chichimecas* e outros grupos indígenas, possibilitadas pela presença da intérprete Malinche, a índia amancebada ao conquistador, e que decifrou-lhe os dialetos e usos locais. Ainda na América do Norte ocorreu o talvez mais notável caso de sincretismo cultural do século XVI, durante o périplo do espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. Também vítima de um naufrágio na costa da Flórida em 1527, Cabeza de Vaca e uns poucos companheiros atravessaram os territórios que atualmente correspondem à Flórida, Texas, Chihuahua, Sonora e parte da Sierra Madre, percorrendo quase 18.000 quilômetros até encontrar novamente espanhóis em 1536; para sobreviver entre os indígenas que encontrava pelo caminho, Cabeza de Vaca atuou como *xamã*, curando doenças com símbolos e rezas cristãos.⁴ Há ainda a história do inglês John Smith, que explorava o litoral da atual Virgínia em 1607, quando combateu e foi preso pelo chefe Powhatan; condenado à morte, foi salvo pela filha deste, Pocahontas, e o casamento, aos moldes daqueles de Caramuru e João Ramalho, permitiu que esses primeiros colonizadores sobrevivessem em Jamestown graças às relações estabelecidas com os indígenas, e muitos virginianos descenderam destas relações mistas, antes da famosa viagem do Mayflower conduzindo os *Pilgrim Fathers* em 1619.

⁴ CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. *Naufragios*. Madrid: Alianza Editorial, 1985, p.122-129.

Conhecimento do clima, flora e fauna, abertura de caminhos e rotas de suprimentos, utilização dos alimentos americanos, além da própria reconstituição de uma vida familiar seriam impossíveis sem estes estreitos laços estabelecidos com os “outros” e sem esta ampla mestiçagem. Disso tinham consciência as autoridades mandadas nos primeiros tempos e os próprios representantes do clero, que faziam vistas grossas para as relações matrimoniais - ou as meras fornicções - entre europeus e nativas, e a primeira geração de fronteiriços por todos os lados foi formada por mestiços.⁵ Somente mais tarde, quando já se encetavam as relações coloniais mais consistentes, houve preocupação das autoridades e dos representantes do clero em reprimir as uniões mistas, separando os povoadores brancos dos nativos, estimulando a vinda de mulheres das metrópoles.⁶

Por certo, além das deploradas relações com as nativas, seguiam-se inúmeras queixas quanto ao comportamento desses primeiros fronteiriços. Afastados dos centros civilizados, adotavam costumes condenáveis - muitas vezes denunciados como heréticos -, deixavam de cumprir os sacramentos da Igreja, tornavam-se irreverentes com as autoridades, desrespeitavam propriedades e famílias alheias. Eram, no entanto, os melhores “mateiros”, os melhores guias, os melhores intérpretes dos gentios; eram os únicos capazes de promover a conquista das terras interiores, arregimentar nativos para expedições em busca de riquezas, reais ou mitológicas, e aumentar as posses das coroas às quais serviam.

E na medida em que avançavam as fronteiras, repetiam-se os contatos com diferentes “outros”, e se reproduziam os intercâmbios de toda espécie. As bandeiras que assolavam os povoadamentos guaranis do Guairá, e mais tarde do Tape, eram formadas por uns poucos aventureiros brancos que chefiavam por vezes alguns milhares de tupis aculturados e todos falavam um dialeto “geral” derivado do tupi-guarani.⁷ No Chaco, *abipones* e *mocovies* negociavam diretamente com soldados e oficiais *fortineros* que ali estavam para controlá-los, alterando seus modos ancestrais de caçadores para traficarem cavalos, mulas e gado bovino que roubavam em outras partes. Nas regiões pampeanas, *hombres sueltos* de origem mestiça vagueavam pelos campos, tendo incorporado muitos dos hábitos dos naturais da terra; por outro lado, os indígenas do pampa haviam aprendido a dominar o cavalo, trazido pelos europeus, e seus *toldos* aderiram ao consumo das reses vindas com os colonizadores. Situações semelhantes se deram no norte da Nova Espanha, ao sul da Capitania do Chile, na Nova Inglaterra e em outras tantas regiões.

⁵ No Brasil, eram chamados de mamelucos, palavra derivada do árabe *mámluk*, que significa escravo.

⁶ PRESTA, Ana Maria. La sociedad colonial: raza, etnicidad, clase y género. Siglos XVI y XVII. In: TENDETER, Enrique (dir.). *Nueva Historia Argentina. Tomo II: La Sociedad Colonial*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000, p. 69-70.

⁷ PASTOR BENÍTEZ, Justo. *Formación Social del Pueblo Paraguayo*. Asunción: Ed. América-Sapucaí, 1955. TAUNAY, Afonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, tomo I.

Mas se essa, grosso modo, foi uma realidade nas chamadas “fronteiras civilizatórias”, onde os fronteiros que combatiam e expulsavam os naturais no avanço pelo território não se podiam privar dos contatos e das miscigenações como estratégia de sobrevivência, não foi muito diferente quando houve confronto de avançadas de diferentes “civilizações” na disputa pelos mesmos espaços. Nestes casos, invariavelmente redesenhavam-se alianças, e os europeus procuravam nas rivalidades tribais as definições por seus interesses. Portugueses e tupiniquins combateram franceses e tupinambás, espanhóis e guaranis resistiam aos assédios dos mamelucos e seus tupis, ingleses e franceses disputavam o apoio das diversas tribos do Canadá e dos Grandes Lagos. Os enfrentamentos dessas formações mistas tampouco impediu que entre elas houvesse permanente conflito, como mostram as ações cooperativas entre habitantes do Guairá com algumas avançadas paulistas,⁸ ou as parcerias formadas pelos caçadores de peles de origem inglesa e francesa nas florestas da Louisiana. Inseridos em atividades produtivas semelhantes, numa mesma paisagem que não apresentava barreiras naturais efetivas, os fronteiros de diferentes procedências acabam desenvolvendo uma cultura fronteiriça própria destes espaços, superando as diferenças lingüísticas com a adoção de muitas expressões do “outro” ou criando neologismos de uso comum, além de muitas vezes constituírem famílias mistas, geradoras de novos mestiços.

Nesse sentido, as reduções jesuíticas constituíram-se num exemplo peculiar de “fronteira tripartita”.⁹ Aceitando as muitas vezes duras regras dos padres inacianos, os guaranis buscaram as missões para garantirem-se dos assédios dos colonizadores espanhóis e portugueses, construindo sociedades sincréticas notáveis por algumas de suas realizações; a adoção do cristianismo, bastante adaptado para as crenças ancestrais, e das ordenações da metrópole espanhola, a prosperidade de algumas povoações serviu com maior atrativo para a ganância dos mamelucos paulistas, além de ressentimentos entre muitos colonos espanhóis não tão bem sucedidos em suas empresas. E foram as missões as principais responsáveis pela disseminação do gado bovino pela grande planície de aluvião do Prata, o que daria mais tarde sentido econômico para a exploração colonial. Foi, pois, uma sociedade mista de fronteira fundamental para o processo de formação do espaço platino.

Desta forma, as questões das fronteiras americanas existiram desde os primeiros desembarques, caracterizaram-se pela intensa miscigenação cultural, e produziram por isso sociedades peculiares, onde as atitudes dos fronteiros eram também “fronteiriças”, ambíguas e que geravam muitas desconfianças nas autoridades competentes e demais representantes da “civilização”, fossem eles

⁸ QUEVEDO, Roberto. Noticias de Primeras Relaciones entre Paraguay y Brasil. In: *Anais do I Encontro de História Brasil-Paraguai*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2002, p. 55-63.

⁹ NEUMANN, Eduardo. *A Fronteira Tripartida: Encontros Culturais na América Meridional (A Reação Escrita e Armada Guarani ao Tratado de Madri – Século XVIII)*. Porto Alegre: UFRGS, 2003 (mimeo).

leigos ou clérigos. Em 1776, os Estados Unidos da América inauguraram o processo de formação dos Estados nacionais no continente, exemplo que seria seguido pelos latino-americanos de norte a sul nas primeiras décadas do século XIX. Isso trouxe uma enorme mudança para as populações fronteiriças em geral, buscando novos espaços para expandir os territórios nacionais que se desenhavam, e em muitas partes as fronteiras tornaram-se alvos importantes das políticas que se inauguravam.

Nos centros administrativos que se constituíam nesses jovens países, recém liberados das tutelas metropolitanas, muitos políticos e intelectuais preocupavam-se com o futuro das nações que tentavam construir, buscando explicar e ultrapassar as dificuldades encontradas; nessas empreitadas, os homens da fronteira eram vistos ora como aqueles que extremaram a luta pela dominação da natureza, dos indígenas e das ambições de “civilizados” de outras partes, ora como portadores de uma marca atávica dada pela miscigenação e temperada pelas agruras da natureza agreste. Esses conjuntos de representações tiveram circulação nos variados países, mas pesaram de distintas maneiras na América do Norte e na do Sul: no primeiro caso, predominou uma visão mais apologética do fronteiro, que a partir já das primeiras décadas do século XIX converter-se-ia no modelo de uma civilização original que se impunha; no segundo, ao contrário, especialmente no âmbito do Rio da Prata, ao homem da fronteira seriam imputadas as práticas características da barbárie, responsável pelos males quase insuperáveis dessas novas nações.

No âmbito deste texto, a pretensão será de apontar para alguns dos elementos que auxiliaram na construção do *frontierman* mitologizado, que será elevado a paradigma do esforço civilizatório dos Estados Unidos da América.

Pioneiros: da Louisiana às Montanhas Rochosas

Certamente os primeiros fronteiros das colônias inglesas norte-americanas foram aqueles que ocuparam o litoral da Virgínia e depois se expandiram criando as colônias do norte e do sul. Dificilmente, porém, a imagem do *frontierman* americano estará associada a um agricultor puritano, vestido de preto, com sapatos de fivela e chapéu alto, rezando salmos, anatematizando infiéis e condenando bruxas! A associação quase imediata é a imagem do fronteiro como o *trapper*,¹⁰ com roupas de couro franjadas e mocassins indígenas, gorro de pele de castor, portando uma longo fuzil de carregar pela boca e o *tomahawk* indígena, tal como propalou a obra de Fenimore Cooper e suas versões cinematográficas. A acirrada disputa entre França e Inglaterra pelas terras do norte do continente, foram momentos de afirmação para esses homens que viviam adaptados à

¹⁰ Palavra sem tradução em português; é o caçador de peles que se utiliza de armadilhas.

fronteira e que, de caçadores e mercadores de peles, tornaram-se guias das tropas metropolitanas, quando não chefes de milícias e negociadores de complicadas alianças com as parcialidades índias.

Esses homens eram, no entanto, marginais ao sistema colonial da Nova Inglaterra, voltada para a agricultura, para a extração de petrechos náuticos e para a marinha mercante. Também as terras que exploravam eram as florestas que se estendiam dos Apalaches ao Mississipi, o vasto território da Louisiana, onde primeiro se estabeleceram caçadores de peles de origem francesa. O *trapper* americano aprendeu com os franceses - e ambos com os índios - os segredos da sobrevivência e da caça nas matas, mas ele se tornou o primeiro modelo de "homem da fronteira", e precocemente foi idealizado pela obra de Cooper, que teve uma ampla difusão nos centros urbanos do leste.

O exemplo canônico destes *frontiermen* foi Daniel Boone, que nasceu na Pensilvânia em 1734. Muito jovem, foi viver na fronteira da Carolina do Norte com a Louisiana francesa, tornando-se caçador; nas suas expedições, teria alcançado a Flórida ao sul, em 1765, e foi dos primeiros americanos a chegar ao atual Kentucky - parte então da Louisiana - em 1775,¹¹ onde fundou um povoado que chamou de Boonesboro, em homenagem a si mesmo. Daniel Boone foi imortalizado ainda vida pelo relato de John Filson, *The Adventures of Colonel Daniel Boone*, publicado em 1784, e que teve ampla difusão nos Estados Unidos e na Europa; pela primeira vez aparecia o homem da fronteira como *cult hero* que desbravava a natureza e levava a civilização aos espaços abertos do oeste. Outras edições das narrativas de Boone circularam nos Estados Unidos, e suas memórias tornaram-se referências sobre os *frontiersmen* que arrostavam os perigos da vida selvagem longe da civilização, como ele mesmo adverte:

"Some men choose to live in crowded cities; - others are pleased with the peaceful quiet of a country farm, while some love to roam through wild forests and make their homes on the wilderness. The man of whom I shall now speak was one of the last class. Perhaps you never heard of DANIEL BOONE, the Kentucky rifleman. If not, then I have a strange and interesting story to tell you".¹²

Boone ao longo de sua vida manteve muitas escaramuças com os índios e chegou a capitão de milícias no combate aos *cherokees*; por outro lado, foi capaz de manter boas relações com algumas tribos, tendo numa ocasião sido adotado pelo chefe dos *shawnee*. Depois da Revolução Americana, já em andamento o

¹¹ FILSON, John. The Discovery, Settlement and present State of Kentucke. Appendix: The Adventures of Col. Daniel Boone. In: LEMAY, J. A. Leo (ed.). *Na Early American Reader*. Washington: United States Information Agency, 1989, p. 491-502. John Filson atribuiu a Daniel Boone a descoberta do "caminho do Kentucky", uma das primeiras trilhas para o oeste.

¹² BOONE, Daniel & HAWKS, Francis L. *Daniel Boone: His Own Story & The Adventures of Daniel Boone, the Kentucky Rifleman*. Bedford (Massachusetts): Applewood Books, 1996, p. 29.

avanço para oeste, foi responsável pela vigilância do rio Ohio, uma das principais rotas fluviais para o oeste. Em 1799, cruzando o Mississipi e adentrando em terras então pertencentes à Espanha, fundou no atual estado do Missouri outra povoação, Boonesville, mais uma vez batizada em sua honra. Reza a lenda que, já com oitenta anos, teria chegado até Yellowstone.

O modelo do “civilizador” encontra em Boone a figura típica do fronteiro, que para superar os selvagens assemelha-se aos mesmos em hábitos, resistência às adversidades do ambiente e exercendo a brutalidade quando necessário, cioso de sua importância para o país: “*This account of my adventures will inform the reader the most remarkable events of this country*”.¹³ Outros famosos *frontiersmen* da geração anterior, como Thomas Cresap e Robert Rogers, receberam menos atenção por parte dos seus contemporâneos porque Daniel Boone, além de tudo, foi um destacado *partisan* durante a Revolução Americana: o homem da fronteira era também um dos fundadores da nação americana.

Muitos destes caçadores procuraram trilhas para o oeste, antecipando a expansão da jovem nação americana. A compra da Louisiana aos franceses em 1803, motivou o governo dos Estados Unidos a promover o conhecimento do país até o Pacífico, apesar das disputas territoriais que enfrentava com ingleses e russos pelo vasto território do Oregon no noroeste. Por iniciativa do presidente Jefferson, iniciou em 14 de maio de 1804 a expedição de Meriwether Lewis e William Clark, que cercaram-se de “*bons caçadores, homens solteiros, fortes, saudáveis, capazes de suportar a fadiga física no seu mais alto grau*”.¹⁴ Saindo de Saint Louis, subiram o rio Missouri, em cujas planícies fizeram os primeiros contatos com os *dakota* (ou *sioux*), para os quais foram fundamentais alguns caçadores franceses que atuaram como intérpretes. Mais tarde encontraram *arikaaras* e *mandans*, que lhes forneceram as canoas para alcançarem as Rochosas, além do fornecimento de comida e vestuário indígenas, muito mais adaptados ao clima. Entre os *mandans* circulavam diversos índios visitantes e caçadores franco-canadenses, cujas informações seriam vitais para a expedição; um deles, Charbonneau, tinha como companheira a jovem Sacagawea, uma índia *shoshone* seqüestrada há alguns anos, e que cumpriria importante papel na aproximação de Lewis e Clark com sua tribo, criadora de cavalos, essenciais para a travessia das Montanhas Rochosas. Na trabalhosa viagem, antes de chegarem ao Pacífico ainda manteriam aproximações com *flatheads* e *nez percés*.

Nos meses passados na costa oeste, além de caçarem por comida e peles, a maior parte dos expedicionários mantinha relações com as índias, a exemplo do que faziam os caçadores e *trappers*. A fronteira se tornava um território mestiço, onde as companhias de peles incentivavam a marcha para oeste para atenderem as crescentes demandas de castores, que traficavam armas, tecidos e bebidas

¹³ FILSON, op. cit., p.502.

¹⁴ BROWN, Dec. Rumo ao Mar Ocidental. In: *O Faroeste. A História Épica do Oeste Americano, Vivida pelos Homens que Ajudaram a Construir uma Nação*. Rio de Janeiro, Record, 1974, p. 44.

alcoólicas para os indígenas, e onde as doenças dos homens brancos já faziam muitos danos. Por seu turno, alguns dos homens que acompanharam a viagem de Lewis e Clark, que retornaram a Saint Louis apenas em setembro de 1806, voltaram para o oeste tentando fortuna com as peles, como foi o caso de John Colter, que seria o primeiro branco a alcançar Yellowstone.

A publicação do diário da expedição em 1814¹⁵ foi um grande incentivo para que outros tantos aventureiros procurassem os caminhos para o oeste, sucedendo-se as descobertas de novos santuários de caça e os contatos com tribos ainda desconhecidas. Um deles, Jedediah Smith, descobriria a passagem mais ao sul das Rochosas, onde se situam os atuais estados de Utah e do Colorado, e coube a Jim Bridger o encontro do grande *Salt Lake*. Já era expressiva a presença de “homens da montanha”, cujas façanhas e tumultos já faziam fama nos relatos que chegavam ao leste e que os descreviam como quase selvagens, turbulentos, praticantes dos piores vícios, destacadamente as relações sexuais com as índias. Porém era inegável sua importância, não apenas na predação das peles, mas na extensão do território que já quase alcançava a Califórnia e o Novo México, onde se defrontariam com os colonizadores oriundos de Espanha. Na procura de caminhos para a Califórnia, apareceram os primeiros conflitos com as autoridades mexicanas de San Antonio, bem como disputas entre os americanos de fala inglesa com *comancheros* de origem hispânica, que detinham o comércio com as tribos indígenas, abastecendo-as de armas e bebidas alcoólicas.

A difusão das andanças de Daniel Boone, especialmente o texto de Filson – ele próprio vitimado pelos indígenas, quando resolveu imitar seu ídolo e partiu para o Ohio – e da expedição de Lewis e Clark haviam preparado o terreno para a recepção de novos panegíricos sobre os *frontiersmen*, e o sucesso das obras de James Fenimore Cooper superaram quaisquer autores americanos ou estrangeiros nas cidades da costa leste. A série batizada *The Leatherstocking Tales* foi iniciada com *The Pionners*, editado em 1823, apresentando Natty Bumppo – “hunter, scout, pathfinder, trapper”¹⁶ – já na maturidade, pretendendo viver seus últimos anos em Glimmerglass, na fronteira, onde a caça ainda é abundante (a aventura inicia no ano de 1793). Aqui aparece a descrição do herói da fronteira e a origem do nome da série:

“(...) he wore a cap made of foxskin (...) A kind of coat, made of dressed deerskin with the hair on (...) On his feet were deerskin moccasins, ornamented with porcupine’s quills after the manner of the Indians, and his limbs were guarded with long leggings of

¹⁵ DE VOTO, Bernard (ed.). *The Journals of Lewis and Clark*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

¹⁶ NEVIUS, Blake. Introduction. In: COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. viii.

the same material of the moccasins, wich, gartering over the knees of his tarnished buckskins breeches, had obtained for him, among the settlers, the nickname of Leatherstocking.”...¹⁷

As pretensões de Bumppo esbarram no avanço da “civilização” que carrega suas leis e a defesa da propriedade privada, movendo-o a uma nostálgica procura de terras livres onde possa recuperar a liberdade perdida. Assim como os índios, aqueles que avançam a fronteira são também vitimados pela sociedade de povoadores que lhes segue. Abrir novos espaços, tal como “*Daniel Boone, whose career was entering the realm of legend even as Cooper wrote, and whose yearning of untrammled nature had led him in his old age to flee further and further west before the advancing agricultural frontier*”,¹⁸ era o destino dos pioneiros americanos.

A obra mais conhecida de Cooper seria o segundo livro da série, *The Last of the Mohicans*, publicado em 1826. Aqui o tempo recua para 1757, quando Bumppo, na plenitude de trinta e poucos anos, é acompanhado pelos *moicanos* Chingachgook e seu filho Uncas. O livro tem como palco a guerra entre ingleses e franceses, aliados respectivamente dos *delaware* – de cuja grande nação fazem parte os últimos remanescentes *moicanos* – e dos *mingoes*, destacando o papel desempenhado pelo guia branco e seus acompanhantes, contrastado com a inaptidão dos oficiais ingleses. No início da obra, o autor deplora as “imbecilidades” das tropas inglesas e reverencia os filhos da terra:

“They had recently seen a chosen army from that country which, reverencing as a mother, they had blindly believed invincible – an army led by a chief who had been selected from a crowd of trained warriors, for his rare military endowments, disgracefully routed by a handful of French and Indians, and only saved from annihilation by the coolness and spirit of a Virginian boy (...).”¹⁹

O virginiano em questão é o jovem George Washington, futuro grande comandante da luta pela independência. Torna-se evidente a identificação do homem da fronteira como “americano”, diferente dos militares “europeus”, e aquele capaz de garantir a manutenção das áreas disputadas e em condições de construir o próprio país. Junta-se aqui o fundador da pátria com a vivência fronteiriça.

A indumentária típica do *trapper*, fundamental para a caracterização de Natty Bumppo, aqui apresentado com seu nome indígena de Hawkeye, é similar àquela do primeiro livro:

¹⁷ COOPER, James Fenimore. *The Pioneers (or The Sources of the Susquehanna)*. New York: Penguin, 1964., p. 20-21.

¹⁸ NEVIUS, op. cit., p. xi.

¹⁹ COOPER, James Fenimore. *The Last of the Mohicans*. New York: Bantam Books, 1989, p. 3.

“He wore a hunting-shirt of forest green, fringed of faded yellow, and a summer cap of skins which had been shorn of their fur. He also bore a knife in a girdle of wampum, like that which confined the scant garments of the Indians, but no tomahawk. His moccasins were ornamented after the gay fashion of the natives (...)”²⁰

Mesmo assim, o *frontiersman* não perde sua condição de homem branco que aprendeu com os índios a vida na fronteira mas não perdeu sua identidade étnica e mantém uma liderança que advém da sua superioridade “natural”, natural sobre os parceiros indígenas.²¹ Até a possibilidade de uma união mista, que poderia resultar do amor entre o *moicano* Uncas e Cora, a filha do coronel Munro, é cortada pela morte trágica dos dois ao final da história.

Em 1827 Cooper lançou o terceiro livro da série, *The Prairie*, retomando os últimos anos de Natty Bumppo, agora se adentrando “*from the Atlantic states, to the eastern shores of the Father of the Rivers*”.²² O autor retoma a situação ambígua de *The Pioneers*, onde a busca da natureza intocada pelos velhos pioneiros arrasta um caudal de seguidores que fará a destruição dos espaços conquistados, antecipando a doutrina do Destino Manifesto:

“Time was necessary to blend the numerous and affluent colonists of the lower province with their new compatriots; but the thinner and more humble population above, was almost immediately swallowed in the vortex which attended the tide of instant emigration.

(...) The adventurous and venerable patriarch was now seen making his last remove; placing the ‘endless river’ between him and the multitude his own success had drown around him, and seeking for the renewal of enjoyment which were rendered worthless in his eyes, when trammled by the forms of human institutions”.²³

Algumas fórmulas de *The Last of the Mohicans* se repetem: Hard-Heart tem com Bumppo a mesma relação quase filial de Uncas, os “bons” selvagens são os *pawnee*, enquanto os “maus” são os *sioux*.²⁴ Novidade aqui é o aparecimento de personagens com comportamento desviante, como os membros da família Bush,

²⁰ Id., *ibid.*, p. 21.

²¹ Cooper inaugurou esta modalidade que se tornaria um clichê nas obras ficcionais sobre o oeste americano: a amizade entre o herói branco e o “bom” índio. Alguns exemplos estão presentes na literatura de Karl May (*Old Shatterhand* e *Winnetou*) e no cinema (*Lone Ranger* e *Tonto*).

²² COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. 9.

²³ Id., *ibid.*, p. 10.

²⁴ Esta situação antecipa as guerras índias da segunda metade do século XIX, quando o exército dos Estados Unidos combateu ferozmente as tribos *sioux* das planícies, contando com *scouts* e guerreiros *pawnees*.

predatórios e degenerados, o que dá ao livro uma visão mais realista da fronteira: “(...) *the great American desert would be the abode of nomadic hunters and herdsmen and possibly the more lawless elements of society*”.²⁵ O oeste, espaço conquistado pelo pioneiro generoso, que abriu caminho para os povoadores que levavam a “civilização”, era também o refúgio dos *outlaws*, também eles paradigmas da fronteira.

Apenas em 1840 Cooper retomaria a série com a publicação de *The Pathfinder*,²⁶ cuja ação se passa dois anos após os incidentes de *The Last of the Mohicans*. No ano seguinte publicou *The Deerslayer*, no qual mostra os primeiros passos do jovem Bumppo entre 1740 e 1745; com presumíveis dezoito anos, dos quais dez passados entre os *delaware*, ele ainda é apenas um caçador de cervos – *deerslayer* – como explica em sua linguagem peculiar: “*The Delaware have given me my name, not so much on account of a bold heart, as on account of a quick eye, and an active foot. There may not be any cowardice in overcoming a deer, but certain it is, there’s no great valor*”.²⁷ A saga de Bumppo leva-o a matar seu primeiro índio, quando então, numa espécie de rito de passagem, conquista o nome guerreiro de Hawkeye.

Estas duas obras tardias de *The Leatherstocking Tales* tiveram muito menos sucesso do que esperava o autor, provavelmente por suas polêmicas contra o governo de Jackson, o que lhe valeu a antipatia da imprensa. De toda sorte, tinha por trás o prestígio dos livros anteriores, valendo lembrar que *The Pioneers* vendeu 3.500 exemplares no dia do seu lançamento, e que *The Last of the Mohicans* teria alcançado uma tiragem de 300.000 exemplares, o que permite inferir a importância alcançada pela obra de Cooper e a difusão de sua visão idealizada dos homens da fronteira.

Texas: a nova fronteira e o martírio do Álamo

Na década de 1830, as questões fronteiriças que preocupavam os norte-americanos se deslocavam cada vez mais para oeste, e os problemas envolveriam um Estado nacional que ainda tentava afirmar-se, o México, especialmente na antiga província espanhola de *Las Tejas*.²⁸ Os interesses dos americanos de fala inglesa datavam do início do século, como demonstraram as incursões de Jedediah Smith e seus conflitos com as autoridades de San Antonio. Terras férteis, apropriadas para o cultivo de milho e algodão, manadas de cavalos e bovinos,

²⁵ NEVIUS, op. cit., p. xxi.

²⁶ COOPER, James Fenimore. *The Pathfinder (or The Inland Sea)*. New York: Penguin Books, 1980.

²⁷ COOPER, James Fenimore. *The Deerslayer (or The First Warpath)*. New York: Bantam Books, 1982, p. 5.

²⁸ *Tejas* em castelhano arcaico escrevia-se *Texas*, de onde derivou o nome do atual estado norte-americano.

rios navegáveis e o fácil acesso ao Golfo do México eram atrativos para uma população crescente nos novos estados que resultaram da incorporação da Louisiana – Mississippi, Tennessee, Kentucky e Louisiana –, onde a expansão das *plantations* de algodão incrementava a sede por novas áreas de colonização.

Por outro lado, o enfraquecimento da Espanha como potência colonial – havia perdido a vasto território da Louisiana para os franceses em 1800, e fora obrigada a vender a Florida para os Estados Unidos – colocava-a a mercê dos interesses expansionistas dos *frontiersmen* norte-americanos. Alegavam estes que o Tratado da Louisiana – quando os Estados Unidos adquiriram o território de Napoleão Bonaparte – assegurava o controle de todas as terras banhadas pela bacia do Mississippi, o que incluía o Red River e seus tributários. Assim, em 1819 um certo James Long saiu de Natchez, Mississippi, acompanhado de trezentos seguidores e tomou Nacogdoches, um dos três povoados de *Las Tejas*, proclamando pela primeira vez a República do Texas e a si mesmo como presidente; feita esta folclórica bravata, Long tentaria uma aliança com o lendário pirata Jean Lafitte, mas malogrou face à reação das tropas espanholas.

No ocaso da exploração colonial na América, o reino espanhol preocupava-se com o vazio populacional de *Las Tejas*, onde viviam escassamente uns 3.000 povoadores, que poderia tornar-se um santuário de dissidentes, como ocorrera durante a rebelião do frade Morelos de 1811 a 1814. Assim, foi bem-vindo o pedido de um mineiro falido do Missouri, Moses Austin, de colonizar parte do território com trezentas famílias, prometendo que todos seriam seguidores do Catolicismo Romano e jurariam fidelidade à Espanha. Seu filho, Stephen Austin, iniciou o povoamento do leste texano em 1821 por gente vinda dos Estados Unidos, pouco antes da independência do México. Por seu turno, as novas autoridades constituídas aprovaram as intenções de Austin, que poderia assegurar proteção ao território contra as tribos indígenas e eventuais aventureiros norte-americanos.

Com efeito, Austin tratou de manter boas relações com as autoridades mexicanas. Foi significativa sua repulsa a aventureiros anglo-americanos que tentavam a sorte nas margens do Red River, por serem presumivelmente “*leatherstocking and longrifles*”,²⁹ acrescentando que “*no frontiersman who has no other occupation than that of hunter will be received by me*”. A lista dos indesejáveis passava pelos eventuais vícios de que seriam portadores: “*no drunkard, no gambler, no profane swearer, no idler*”.³⁰ As intenções de Austin, no entanto, foram quase sempre burladas, e o Texas tornou-se um santuário para os perseguidos pelas leis dos diversos estados americanos, além de especuladores, jogadores e advogados

²⁹ Se essas designações pejorativas forem comparadas com a obra de Cooper, certamente adquirem significado: *leatherstocking* foi a designação que o autor deu para a série sobre as fronteiras, nomeando assim o herói Natty Bumppo; *longrifle* era o apelido que tinha entre seus inimigos *mingoes*.

³⁰ WARD, Geoffrey C. *The West. An Illustrated History*. Boston: Little, Brown and Company, 1996, p. 64.

espertos que esperavam enriquecimento rápido nas terras pouco controladas pelas autoridades. No final da década de 1820, a população de anglo-americanos já superava os 7.000 – incluindo já escravos negros –, mais que o dobro daquela de *tejanos* de fala espanhola.

Ainda nos anos 20 apareceram problemas criados pelos americanos. Em 1824 a nova constituição do México desfez a autonomia dos *tejanos* criando o estado de Coahuila y Tejas, procurando apoio na maior população da primeira província. Apesar da aceitação dos novos termos por Austin, um certo Haden Edwards ocupou a povoação de Nacogdoches em 1826, proclamando a República de Fredonia; o próprio Austin comandou uma centena de milicianos anglo-americanos para auxiliar no controle da rebelião, mantendo sua lealdade: “*I consider that I owe fidelity and gratitude to México*”.³¹

Alguns protagonistas da futura saga texana estavam chegando dos Estados Unidos. Um deles, que havia feito fortuna no tráfico de escravos e na especulação de terras, era Jim Bowie, afamado no seu estado, a Louisiana, pelo uso imoderado de álcool e pelas mortes que causou em duelos de facas,³² no Texas casou-se com uma jovem *tejana* de família rica, filha do vice-governador, converteu-se ao catolicismo e ampliou seus capitais na especulação de terras. A aparente estabilidade adquirida pelo turbulento Jim Bowie desfez-se em 1833, quando uma epidemia de cólera dizimou sua família, voltando então às suas andanças e tropelias. Dois anos depois, quando da eclosão da revolução texana, Bowie seria um dos principais chefes, no posto de coronel dos voluntários anglo-americanos em San Antonio.

Outro fronteiro que também teria destaque na rebelião texana foi William Barrett Travis, advogado da Carolina do Sul, onde tinha contas com a justiça deste estado por haver matado um desafeto em duelo; abandonara a carreira profissional e a família para viver no Texas, tornando-se jogador profissional e explorando a prostituição. Ainda muito jovem, mas ambicioso – escreveu uma autobiografia aos vinte e três anos –, Travis alcançaria também o posto de coronel das forças regulamentares que se formaram para combater o exército mexicano.

O futuro comandante das forças texanas, Samuel Houston, era também um *frontiersman* de reputação discutível. Nascido na fronteira oeste do Tennessee, passou parte da sua vida entre os *cherokee*, e ainda jovem fez parte das milícias que combateram os *creek*, distinguindo-se nas batalhas e chegando ao posto de general. Auxiliado politicamente pelo seu comandante Andrew Jackson – mais tarde presidente dos Estados Unidos –, Sam Houston seria congressista e

³¹ Id., *ibid.*, p. 65.

³² Atribui-se a Jim Bowie a invenção da faca de caça de lâmina larga que leva seu nome. GAZINHATO, Laércio. *Magnum Edição Especial. A Faca Bowie. A Mais Famosa de Todos os Tempos*. São Paulo: Editora Magnum, dez. 1990 / jan. 1991. DOMENECH, Abel. *Del Facón al Bowie*. Buenos Aires: El Alamo, 1988.

governador do estado. Esta carreira fulgurante seria interrompida pelos escândalos e bebedeiras que proporcionava, ao ponto de seus amigos *cherokee* terem-lhe dado o apelido de Big Drunk.³³ Após ser abandonado pela esposa e ter renunciado ao cargo, Houston espancou um congressista e, fugindo do escândalo criado, migrou em 1832 para o Texas, que via como uma terra da promessa: “*I knew that a great destiny waited for me in the West*”.³⁴

Em 1835 agregou-se a esses homens aquele que havia criado em torno de si toda a mitologia que a seu tempo cercara Daniel Boone: David Crockett, nascido em 1786 numa cabana de pioneiros que ocupavam o leste do Tennessee, vindos da Carolina do Norte.³⁵ Em sua autobiografia, David Crockett salienta a importância da luta com os indígenas pela ocupação das terras: “*He settled there under dangerous circumstances, both to himself and his family, as the country was full of Indians, who were at that time very troublesome. By the Creeks, my grandfather and grandmother Crockett were both murdered (...)*”.³⁶ As dificuldades paternas obrigaram David a trabalhar nas propriedades dos vizinhos, tornando-o precocemente um conhecedor desta fronteira. Movimentos populacionais cada vez mais para oeste motivaram a guerra com os *creek*, iniciando a carreira de Crockett como miliciano, onde adquiriu prestígio. Também – “*always delighted to be in the very thickest of danger*”³⁷ – destacou-se como caçador de ursos e *raccoons*, o que lhe deu popularidade para concorrer ao legislativo do estado do Tennessee, sendo eleito em 1821.

Além de associar-se a diversos negócios, manteve sua carreira política, sempre referenciando sua história de *b'ar hunter* – gabava-se de haver abatido 105 ursos numa só temporada – e de *frontiersman* que lutara contra os índios; sua trajetória dava-lhe fundamentos para defender os interesses dos posseiros que mais e mais rumavam para oeste. Foi eleito para o congresso dos Estados Unidos em 1823, 1827, 1829 e 1833, tendo sido derrotado nas eleições de 1825 e 1831. No seu último mandato rompeu com o presidente Andrew Jackson, que criara o Partido Democrata, e tornou-se um emblema dos *whigs*, que usavam sua imagem de *coonskin*, e a publicidade de seu nome cresceu muito em todas as cidades do leste. Isso motivou a publicação de sua autobiografia em 1834, na qual descreve seu passado na fronteira, dando pouca atenção aos seus anos de congressista. Derrotado uma vez mais em 1835, rumou para o Texas, onde seria coronel do batalhão de voluntários do Tennessee.

Não há fotografias de David Crockett. Toda a iconografia a seu respeito mostra-o como foi idealizado, com mocassins indígenas, roupa de couro e gorro

³³ WARD, op. cit., p. 70-71.

³⁴ Id., *ibid.*, p. 65.

³⁵ CROCKETT, David. *A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee*. Lincoln: Nebraska University Press, 1987, p. 15.

³⁶ Id., *ibid.*, p. 15-16.

³⁷ Id., *ibid.*, p. 43.

de pele de *raccoon*, com o longo rifle Kentucky, o polvarinho de chifre e a faca de caça, a imagem do *leatherstocking* por excelência. E esta imagem do pioneiro das terras virgens da antiga Louisiana transportada para os distúrbios do Texas recriava ali a luta pela independência americana, e este era o apelo que os membros do “partido da guerra” – Houston, Travis, Bowie, entre tantos – ecoavam, principalmente nos estados sulistas, clamando por mais adeptos para a luta que viria. Não é casual que os soldados irregulares que se recrutavam entre os anglo-americanos fossem chamados de *minutemen*, da mesma forma que os milicianos que lutaram contra o império britânico. A convocação de Houston era clara: “*Let each man come with a good rifle and one hundred rounds of ammunition – and come soon*”.³⁸

A situação se deteriorava rapidamente devido ao rápido incremento da presença de imigrantes dos Estados Unidos no norte mexicano. No vizinho território do Novo México, também escassamente povoado por uns 5.000 habitantes, a maioria deles na cidade de Santa Fé, sempre acossados pelos ataques de *navajos* e *comanches*, desde 1821 predominavam as relações comerciais com os Estados Unidos, quando William Blecknell abriu a “trilha de Santa Fé”. Mesmo não havendo uma migração para ocupar terras, o Novo México tornou-se desde então o paraíso de mercadores e contrabandistas do Missouri, e cada vez mais afastado das influências do governo mexicano. E no Texas, o número de posseiros dobrava a população de 1830 a 1834, passando dos 20.000; por volta de 1835, ao redor de 1.000 americanos cruzava o Red River por mês, elevando o número de imigrantes para uns 35.000, fazendo-o mais de dez vezes maior que o de *tejanos*. Mesmo o maior representante do “partido da paz”, Stephen Austin, afirmava que tentativas para conter os imigrantes seriam “*like trying to stop the Mississipi with a dam of straw*”.³⁹

A tomada do poder no México pelo general Antonio Lopez de Santa Anna, o prestigiado vencedor do exército espanhol, de início trouxe esperanças de que a separação do Texas de Coahuila permitisse a adoção de uma constituição estadual aos moldes daquela dos Estados Unidos; no entanto, temendo as intenções separatistas dos texanos de fala inglesa, Santa Anna prendeu seu principal negociador, Austin – justamente o líder mais moderado –, e ordenou a invasão militar do território para desarmar os colonos. Os *minutemen* foram vitoriosos nas primeiras escaramuças e, já sob o comando de Sam Houston, derrotaram as forças mexicanas do general Cós. Santa Anna pessoalmente assumiu o comando de 5.500 homens para dar rápido fim à ameaça secessionista, e defrontou-se com a tática de guerrilhas que outrora os milicianos durante a guerra de independência haviam praticado contra os ingleses. Nesta lógica, Houston ordenou a Bowie que destruísse o forte do Álamo, próximo a San Antonio, para privar o inimigo

³⁸ WARD, op. cit., p. 71.

³⁹ Id., ibid., p. 69.

de um local protegido onde pudesse estabelecer uma base. Mas Jim Bowie e William Travis desobedeceram, e tentaram resistir com 182 homens ao assédio de Santa Anna à espera de reforços que não viriam, dando origem a um dos maiores mitos da história do Texas e dos Estados Unidos. Entre eles estavam David Crockett e os voluntários do Tennessee.

Em 2 de março de 1836, no povoado de Washington-on-the-Brazos foi proclamada a República do Texas; simbolicamente, era aniversário de Houston, que renascia para a vida pública depois de tantos tropeços no leste⁴⁰ e nos dias subsequentes elaborada a constituição, adotada a bandeira da “estrela solitária”, eleito o presidente interino – David Burnet – e nomeado Sam Houston como comandante em chefe do exército. No dia 6 de março, 2.600 soldados de Santa Anna, recusada a oferta de rendição, atacaram o Álamo sem clemência⁴¹ e, sofrendo pesadas baixas, mataram todos seus ocupantes, entre eles os coronéis Travis, Bowie e Crockett.⁴² A tomada do forte, no entanto, ao invés de abalar os rebeldes, galvanizou a fronteira, e o episódio épico estimulou a vinda de mais voluntários dos estados do sul, enquanto Houston seguia com sua estratégia de pequenos combates e retiradas, esgotando pouco a pouco as forças adversárias. Antes da batalha de San Jacinto, quando derrotou e obteve a rendição de Santa Anna, usava o exemplo dos guerreiros do Álamo para emular os soldados: “*Trust in God and fear not! The victims of the Álamo (...) cry out for our vengeance. Remember the Álamo!*”⁴³

A independência do Texas seria propalada nos Estados Unidos como uma segunda afirmação dos norte-americanos, e os símbolos construídos restituíam os antigos pioneiros e seus feitos nas fronteiras e na guerra de emancipação contra os ingleses. Aqueles homens, cujas condutas sociais haviam-nos tornado proscritos em seus estados, eram agora heróis incontestes e representavam as melhores qualidades americanas: iniciativa individual, capacidade empresarial, liderança, anseio por liberdade, afirmação sobre os “outros” (no caso, os vizinhos mexicanos). Mais que todos – até porque difundira sua imagem pessoal muito antes de dirigir-se para o Texas –, David Crockett era o grande ídolo nacional. De 1835 até 1856 foram editados os *Crockett Almanacs*, contando suas aventuras como caçador e matador de índios, até sua morte no Álamo,⁴⁴ além da sua já citada autobiografia. Também foi muito popular na época uma peça de teatro

⁴⁰ WEEMS, John Edward & WEEMS, Jane. *Dream of Empire. A History of the Republic of Texas 1836-1846*. New York: Barnes & Nobles, 1995, p. 68.

⁴¹ As versões do ataque ao Álamo referem sempre o toque de *Deguello* ordenado por Santa Anna, após o qual não haveria perdão.

⁴² Há versões de que Bowie e Crockett se renderam, mas foram executados ao final da batalha. SHENKMAN, Richard. *I love Paul Revere, Whether He Rode or Not* – Warren Harding. New York: Harper Collins, 1991, p. 194-195.

⁴³ WARD, op. cit., p. 78.

⁴⁴ GAZINHATO, op. cit., p. 18.

sobre sua vida, chamada *The Lion of the West*. Os norte-americanos deram um nexu entre a expansão para o oeste e sua história em busca de liberdade e autonomia, e o *Manifest Destiny* tinha já bem plantadas suas bases culturais e ideológicas.

Conclusão

A independência texana foi um preâmbulo para a guerra contra o México, pela qual este país perderia para os Estados Unidos – contando-se aqui o próprio Texas, que seria anexado em 1846 – mais de um terço de seu território. Os americanos de fala inglesa seguiriam migrando para oeste, ocupando as terras e construindo uma sociedade diferente em seus aspectos exteriores das suas origens. A luta contra os índios e o desenvolvimento da economia pecuária transformariam o antigo pioneiro caçador num outro modelo, o cavaleiro, o soldado dos regimentos que os Estados Unidos mandavam para reprimir os levantes indígenas, ou o *cowboy* que cuidava e transportava os rebanhos pelas planícies – este também portador de um estereótipo que foi copiado dos vizinhos trabalhadores nos *ranchos* mexicanos. Nas paragens do oeste – ainda atrativas para indivíduos de comportamento desviante – tornaram-se também lendários alguns *outlaws* e as implacáveis autoridades locais que os combatiam,⁴⁵ e suas histórias tinham sucesso no mercado editorial das cidades do leste.⁴⁶ O oeste era a terra da promessa, mas também da violência, e apenas aqueles que tivessem herdado dos antigos pioneiros o desejo de desbravar os sertões, a coragem de enfrentar os índios e foras-da-lei com suas próprias forças, poderiam sobreviver às adversidades.

O mito da fronteira tornou *cult* o *cowboy*, suas bravatas, suas arruaças e suas armas; mais eficientes que os velhos rifles Kentucky de um único tiro, as armas de repetição Henry e Winchester, além dos revólveres *peacemakers* inventados por Colt, facilitaram o extermínio dos índios e possibilitaram o controle das grandes planícies. Completavam-se os ditames do Destino Manifesto, que oportunizava a riqueza e a liberdade para os empreendedores. E o grande propagandista da visão idealizada do oeste seria um antigo *cowboy*, *scout* da cavalaria, caçador de búfalos para a ferrovia Union Pacific, oficial do exército, deputado e, finalmente, ator e produtor de espetáculos para as platéias do leste e da Europa: William Frederick Cody, cognominado Buffalo Bill. Bill Cody criou um famoso circo, onde reproduzia combates com autênticos índios das planícies – o próprio cacique dos *sioux* Touro Sentado, um dos vencedores de Little Big Horn sobre o Sétimo de Regimento de Cavalaria do general Custer –, apresentava

⁴⁵ ROSA, Joseph G. *El Legendario Oeste. La Época de los Pistoleros*. Madrid: Ed. LIBSA, 1995.

⁴⁶ São alguns exemplos: TRIPLETT, Frank. *The Life, Times & Treacherous Death of Jesse James*. New York: Konnecky & Konecky, 1970. GARRETT, Pat. *A Vida de Billy The Kid*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

personagens famosos – como o pistoleiro Wild Bill Hickok – e desempenhava ele próprio um papel de protagonista da conquista do oeste; também, a exemplo de tantos, escreveu uma autobiografia.⁴⁷

A fronteira construía ainda suas representações, que eram acolhidas avidamente pelos consumidores dos centros “civilizados”, mas faltava a chancela da ciência, e esta surgiu com a obra – inovadora em muitos aspectos – de Frederick Jackson Turner, o historiador que fez da fronteira seu objeto de análise.⁴⁸ Publicando seus trabalhos a partir de 1893, Turner afirmou que os fronteirões, distantes dos grandes centros urbanos e sequiosos de liberdade, criaram o verdadeiro “espírito americano”, que reverteria para as cidades do leste – de onde provinham, em sua maioria – a importância da iniciativa individual, do trabalho para enriquecimento próprio que resulta no bem coletivo da nação, da supremacia da vida rude e singela em relação aos requintes encontrados nas cidades e, principalmente, uma idéia de democracia – nisso uma espécie de recuperação dos escritos de Tocqueville sobre os Estados Unidos – advinda da ausência tutelar do Estado e do cotidiano nos grandes espaços. O modelo identitário do “americano”, que intuitivamente havia se afirmado no *pioneer* dos literatos do fim do século XVIII e da primeira metade do século XIX, reaparecia com foros de uma ciência histórica apoiada na investigação documental. Mais que isso, Turner reafirmava que a saga dos fronteirões constituía uma história especificamente americana, não uma mera continuação de uma história inglesa em terras do Novo Mundo: os Boone, os Bumpo, os Crockett ganhavam legitimidade e realmente eram diferentes dos “casacas vermelhas” de Sua Magestade Inglesa, e por essa razão construíram um país e uma nação.

Mas se a segunda metade do século XIX é ainda um campo aberto para uma pesquisa mais aprofundada sobre a continuidade do processo de construção do “americano”, há também um desafio relacionado a um estudo comparativo com as representações equivalentes construídas na América do Sul, especialmente no espaço platino. Aqui, desde os ilustrados europeus como Félix de Azara,⁴⁹ a produção intelectual estigmatizou os homens da fronteira, os *gaúchos*, decerto portadores de todas as ambigüidades e vícios dos *frontiersmen* glorificados nos Estados Unidos, redundando nas obras de autores que criaram a dicotomia entre “civilização” e “barbárie”, cabendo aos representantes da primeira lidar com os males trazidos pelos homens que compunham a segunda. Livros canônicos como os escritos por Domingo Faustino Sarmiento,⁵⁰ de importante participação na vida política do país, pelo virtual inspirador da carta constitu-

⁴⁷ CODY, William Frederick. *A Autobiografia de Buffalo Bill*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

⁴⁸ TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in the American History*. New York: Dover, 1996.

⁴⁹ AZARA, Felix. *Memória sobre el Estado Rural del Rio de la Plata y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.

⁵⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Primeira Parte. In: *Facundo. Civilização e barbárie no pampa argentino*. P. Alegre: Ed. da Universidade, 1996.

cional de 1853, Juan Bautista Alberdi⁵¹ e pelo poeta Estebán Echeverría.⁵² Ao contrário dos norte-americanos – e Sarmiento conhecia e citava as obras de James Fenimore Cooper⁵³ –, os intelectuais platinos condenavam os hábitos dos seus fronteiriços, e propunham a intervenção violenta de um Estado “civilizado” para a superação do que, para eles, eram os males atávicos do subcontinente, resultados de uma mescla de raças inferiores em contato com um meio físico hostil.

Um estudo comparativo deste porte, marcando uma tão grande diferença na construção das representações e identidades, é decerto necessário, mas ultrapassa os limites deste artigo.

Bibliografia

Alberdi, Juan Bautista. Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.

Azara, Felix. *Memória sobre el Estado Rural del Rio de la Plata y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.

Boone, Daniel & Hawks, Francis L. *Daniel Boone: His Own Story & The Adventures of Daniel Boone, the Kentucky Rifleman*. Bedford (Massachusetts): Applewood Books, 1996.

Brown, Dee. Rumo ao Mar Ocidental. In: *O Faroeste. A História Épica do Oeste Americano, Vivida pelos Homens que Ajudaram a Construir uma Nação*. Rio de Janeiro, Record, 1974.

Cabeza de Vaca, Alvar Nuñez. *Naufragios*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

Cody, William Frederick. *A Autobiografia de Buffalo Bill*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

Cooper, James Fenimore. *The Pioneers (or The Sources of the Susquehanna)*. New York: Penguin, 1964.

Cooper, James Fenimore. *The Last of the Mohicans*. New York: Bantam Books, 1989.

Cooper, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987.

Cooper, James Fenimore. *The Pathfinder (or The Inland Sea)*. New York: Penguin Books, 1980.

⁵¹ ALBERDI, Juan Bautista. Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.

⁵² ECHEVERRÍA, Estebán. El Matadero. In: *La Cautiva / El Matadero*. Buenos Aires: Emecé, 1999.

⁵³ SARMIENTO, op. cit., p. 42-43.

- Cooper, James Fenimore. *The Deerslayer (or The First Warpath)*. New York: Bantam Books, 1982.
- Crockett, David. *A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee*. Lincoln: Nebraska University Press, 1987, p. 15.
- De Voto, Bernard (ed.). *The Journals of Lewis and Clark*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.
- Domencch, Abel. *Del Facón al Bowie*. Buenos Aires: El Álamo, 1988.
- Echeverría, Estebán. El Matadero. In: *La Cautiva / El Matadero*. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- Filson, John. The Discovery, Settlement and present State of Kentucke. Appendix: The Adventures of Col. Daniel Boone. In: Lemay, J. A. Leo (ed.). *An Early American Reader*. Washington: United States Information Agency, 1989.
- Garrett, Pat. *A Vida de Billy The Kid*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- Gazinhato, Laércio. A Faca Bowie. A Mais Famosa de Todos os Tempos. *Magnum Edição Especial*. São Paulo: Editora Magnum, dez. 1990 / jan. 1991.
- Neumann, Eduardo. *A Fronteira Tripartida: Encontros Culturais na América Meridional (A Reação Escrita e Armada Guarani ao Tratado de Madri – Século XVIII)*. Porto Alegre: UFRGS, 2003 (mimeo).
- Nevius, Blake. Introduction. In: Cooper, 1987, op. cit.
- Pastor Benítez, Justo. *Formación Social del Pueblo Paraguayo*. Asunción: Ed. América-Sapucaí, 1955.
- Presta, Ana Maria. La sociedad colonial: raza, etnicidad, clase y género. Siglos XVI y XVII. In: Tendeter, Enrique (dir.). *Nueva Historia Argentina. Tomo II: La Sociedad Colonial*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.
- Quevedo, Roberto. Noticias de Primeras Relaciones entre Paraguay y Brasil. In: *Anais do I Encontro de História Brasil-Paraguai*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2002.
- Rosa, Joseph G. *El Legendario Oeste. La Época de los Pistoleros*. Madrid: Ed. LIBSA, 1995.
- Sarmiento, Domingo Faustino. Primeira Parte. In: *Facundo. Civilização e barbárie no pampa argentino*. P. Alegre: Ed. da Universidade, 1996.
- Shenkman, Richard. *"I love Paul Revere, Whether He Rode or Not" – Warren Harding*. New York: Harper Collins, 1991.
- Silveira, Rosa Maria Godoy da. Região e História: Questão de Método. In: SILVA, Marcos A. (coord.). *República em Migalhas. História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

Taunay, Afonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, tomo I.

Triplett, Frank. *The Life, Times & Treacherous Death of Jesse James*. New York: Konecky & Konecky, 1970.

Turner, Frederick Jackson. *The Frontier in the American History*. New York: Dover, 1996.

Ward, Geoffrey C. *The West. An Illustrated History*. Boston: Little, Brown and Company, 1996.

Weems, John Edward & Weems, Jane. *Dream of Empire. A History of the Republic of Texas 1836-1846*. New York: Barnes & Nobles, 1995.